

# Interrogando espaços domésticos: o que podem os objetos?

*Questioning domestic spaces:  
what are the objects able?*

[ LUDMILA BRANDÃO ]

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) com pós-doutorado em Crítica da Cultura (Ottawa-Canadá). Professora do Departamento de Artes, do Mestrado em História e do Mestrado em Estudos de Linguagem da UFMT. Autora de *A casa subjetiva* – matérias, afectos e espaços domésticos (Perspectiva, 2002).

E-mail: ludbran@terra.com.br

[ 68 ]

[resumo] Abordagem da produção do espaço doméstico a partir do conceito de agenciamento territorial de Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde estão implicados elementos materiais e imateriais. Desse conjunto de elementos, este artigo lança um olhar sobre os objetos de pequeno porte, de quase nenhuma utilidade, como os bibelôs e assemelhados, que vão povoando os recantos de nossas casas. Pretende-se não apenas sondar o lugar que esses pequenos objetos ocupam na produção dos territórios, mas também experimentar uma maneira de interrogá-los que vá além de dizer o que são e o que significam.

[ palavras-chave ]

território; espaço doméstico; objetos.

[abstract] *The approaching of the domestic space production through the territorial agency concept by Gilles Deleuze and Félix Guattari where material and immaterial elements are implied. From this group of elements, this article places an eye on the small objects, of almost no utility like bibelots and similes that are placed around our houses. We intend not only check the places these objects occupy in the production of territories, but also experiment a way of interrogating them that goes beyond stating what they are and what do they mean.*

[key words] *territory; domestic space; objects.*

(...) suave momento matinal que começava com uma sinfonia pelo diálogo ritmado de minhas três pancadinhas, a que respondia o tabique, tabique todo penetrado de carinho e alegria, harmonioso, imaterial, canoro como os anjos com outras três pancadas, esperadas com ânsia, repetidas por duas vezes, nas quais sabia a parede traduzir a alma inteira de minha avó e a promessa de que viria, num alvoroço de anúncio e musical fidelidade. (PROUST, 1996, p. 219)

Difícil escapar a Proust quando se trata da pregnância de certas matérias, do modo como sua escritura evidencia a constituição de territórios existenciais, conjugando elementos das mais diversas naturezas: sonoros, tácteis, olfativos, palatáveis, visuais, além, evidentemente, dos intangíveis e imateriais. O frágil Marcel, a cada novo dia que se iniciava no balneário de Balbec, em geral extenuado pelos pesadelos e pelas crises de angústia que o acometiam durante a noite, mal abria os olhos, precisava urgentemente certificar-se da segurança do mundo que o acolheria nesse dia. Era imperativo, para isso, que a sua adorada e fidelíssima avó confirmasse a presença no quarto vizinho ao seu, respondendo imediatamente suas três pancadinhas no tabique – promessa de que, em breve, estaria envolvendo-o carinhosamente, ajudando-o a calçar as botas, a escolher a roupa do dia, a pôr-se em condições de sair porta afora para encontrar o mundo.

Parece tão pouco, mas pode o incomensurável: uma espécie de frase musical constituída por apenas três batidas na fina parede divisória, de um lado, seguidas pela resposta de outras três batidas do outro, isso tudo repetido por duas vezes. Podemos imaginar a transfiguração pela qual passa Marcel no fragmento de tempo que se desenha nessa cena, desde o inseguro abrir de olhos seguidos das urgentes pancadinhas no tabique – quase sem ar, na expectativa da resposta de sua avó, das pancadinhas que lhe apaziguarão a alma na iminência de pânico. Na segunda repetição, as batidas de Marcel carregam já a alegria da confirmação, quase fazendo troça de sua fragilidade, ao que respondem finalmente outros três toques no tabique, declaração de amor irrestrito que instala isso que ele descreve como um *alvoroço de anúncio e musical fidelidade*.

É possível dizer que essa passagem discreta da *Recherche* – que não é a única nem sequer se encontra entre as mais festejadas – flagra algo de importância capital para a produção da existência: a instalação de territórios. Gilles Deleuze e Félix Guattari chamam de *ritornello* essa operação mínima, esse agenciamento que constitui um território que é, nos termos mais simples possíveis, o *estar em casa*. Agenciamento porque se trata de uma combinação específica de elementos os mais diversos que, quase como uma fórmula mágica (a incluir de rabos de lagartixa a palavras misteriosas), produz as condições de emergência de algo que não diz respeito a nenhum desses elementos, que é de outra natureza: o próprio território. No caso de Marcel, a cada dia que começa, ele reproduz o que supõe ser a mesma combinação, o mesmo conjunto quase ilimitado de elementos: Balbec-hotel-quarto-móveis-luminosidade-tabique-avó-pancadinhas-cheiros-outras pancadinhas... E ele sabe que há um risco de não se produzir aí a sensação de estar em casa, do agenciamento falhar, de sua avó demorar a responder, de algum dia não responder... Os *ritornellos* são essas operações que se constituem como hábitos discretos e que instalam territórios – de todos os tipos. Aqui nos interessam os existenciais, aqueles que dão o suporte mínimo para existir num tempo e lugar. Há outros. Os territórios profissionais, sexuais, os da escritura, os da invenção...

Abordar espaços domésticos, ou interrogá-los, como propõe o título deste texto, é sondar a sua constituição a partir desses agenciamentos. E o que é possível dizer de imediato é que, apesar do que dissemos antes, da semelhança com a reprodução de processos mágicos, aqui não há fórmula, não existe livro de receitas, ainda que possamos identificar, na produção da arquitetura, tentativas, fracassadas certamente, de constituir e

seguir livros de receitas. O que existe é apenas experimentação. Podemos facilmente localizar histórias, por exemplo, de alguns elementos ou objetos que procedem a um total desarranjo de todo o espaço doméstico, forçam uma acomodação a eles, dobram toda uma casa produzindo linhas de desterritorialização. Apesar do vigor daquilo que emerge do agenciamento, um território nunca é absoluto; está, ao contrário, sempre submetido a outras forças que desafiam sua consistência. Talvez aqui só possamos falar em metaestabilidades. O que nos leva a considerar a produção de um território espaço doméstico como a produção de um objeto estético. Uma pincelada a mais e tudo estará perdido. Ou, ao contrário, como é que consistências se produzem no puro acaso de algumas combinações. Como na arte, inicia-se a produção de um espaço doméstico pensado aqui como território, a partir de uma vaga idéia daquilo que se pretende, ou melhor, da nebulosa sensação que se deseja arrancar da combinação dos mais dispares elementos para, logo a seguir, colocar-se em ato, experimentando possíveis constructos com aquilo que se tem à volta. Tudo pode ser utilizado: dos elementos maiores que configuram o próprio espaço arquitetônico, como as paredes, as passagens, a distribuição dos fluxos de energia, água, imagem, aos móveis ou objetos de grande porte. Quase despercebidos pela pronta consciência, mas igualmente pregnantes, podemos situar as cores, as texturas e as luminosidades várias, a conjugação destas com elementos móveis e imóveis, mas também os odores que escapam de um jardim, de uma cozinha acostuada, impregnada de temperos e especiarias, dos assépticos eucaliptos, pinhos e amoníacos que enchem o ar em dias de limpeza e, finalmente, das fragrâncias especiais, sejam elas adocicadas, cítricas, amadeiradas, em seus pequenos e sedutores frascos dispostos na bancada do banheiro. Mas, com uma importância tão grande quanto desconhecida, entram em cena ainda alguns objetos, daqueles que vamos acumulando ao longo de nossas vidas sobre o mobiliário doméstico: bibelôs, porta-retratos, suvenires, porta-papéis e canetas, blocos de

anotação, brinquedinhos, ímãs de geladeira, panos de prato e toalhinhas de crochê e outra infinidade de objetos sem nenhuma importância funcional.

Isso é apenas para citar os conjuntos básicos de elementos dos quais lançamos mão para experimentar territórios domésticos. Existem outros, mais intangíveis: o livro aberto ao meio, na mesa da cabeceira, e todo o universo que dali se desdobra naquela seqüência de palavras; ou a música preferida que inunda a casa, todos os dias, à mesma hora; ou, para nossa contrariedade, o latido irritante do cachorro para um gato que insiste em desdenhá-lo, ao abrigo da altura, desfilando pelo muro da casa...

Sei de uma história de dois edifícios recém-construídos que comprimiam, no terreno entre ambos, uma pequena casinha, uma tapera, nos termos dos edifícios, onde habitava desde muito tempo, e resistia às insistentes propostas imobiliárias, uma velha senhora e seu cachorro vira-lata. Pois, muito bem, os esforços que os moradores dos dois vistosos edifícios empreenderam para desalojar a velha e seu cão, que lá constituíam um curioso território, incluíram uma denúncia policial contra o latido do animal. Um latido que afirmava lá a existência de um território que não pertencia, e se recusava a pertencer, aos ambiciosos vizinhos; um latido cúmplice de quem fazia pouco do dinheiro e não o preferia àquela vida despossuída de tudo.

Enfim, a tarefa de abordar os elementos que permitem combinações – ambos ilimitados – para a produção dos espaços domésticos e de suas dimensões subjetivas é irrealizável. Mas aqui gostaria de chamar a atenção para o conjunto dos pequenos objetos e o lugar que ocupam na produção de nossos territórios.

Tratando-se de objetos, é preciso passar, pelo menos, por duas obras fundamentais, ainda que rapidamente, neste texto: *O sistema dos objetos*, de Jean Baudrillard, e *Teoria dos objetos*, de Abraham Moles. A impressão que se tem, ao ler esses dois importantes trabalhos, é de que não há mais nada para ser dito, que nos restariam tão somente desdobramentos, continuidades ou meras aplicações daquilo que está previsto em alguma rubrica de suas exaustivas

análises. Em *O sistema dos objetos*, obra de 1968, a pergunta inicial do autor é se seria possível

classificar a imensa vegetação dos objetos como uma flora ou uma fauna, com suas espécies tropicais, glaciais, suas mutações bruscas, suas espécies em vias de desaparecimento. (BAUDRILLARD, 2002, p. 9)

Diante da explosão dos possíveis critérios de classificação – quase tantos critérios quanto elementos – e da redução operada pelas tentativas classificatórias ao critério da função que, segundo Baudrillard, e com o qual concordo plenamente, só dá a ver uma ínfima operação a que corresponderia o objeto e que em nada permite aflorar qualquer consistente sistema de significações, é que ele define seus próprios objetivos: saber

como os objetos são vividos, a que necessidades, além das funcionais, atendem, que estruturas mentais misturam-se às estruturas funcionais e as contradizem, sobre que sistema cultural, infra ou transcultural, é fundada a sua cotidianidade vivida. (BAUDRILLARD, 2002, pp. 10-11)

Abraham Moles, no trabalho posterior ao de Baudrillard, *Teoria dos objetos*, de 1972, propõe abordá-los como mediadores da relação entre cada homem e a sociedade. Aqui ele entende que o seu papel fundamental é o de resolver ou modificar uma situação por meio de um ato. Mediador entre o homem e o mundo, o objeto começa então como um prolongamento do ato humano, numa "funcionalidade essencial", até desprender-se dessa inserção na ação

para passar ao nível de uma parte do Umwelt, pois se transformará num elemento do sistema, resultado do condicionamento do ser humano pelo ambiente. (MOLES, 1981, p. 11)

Quando isso ocorre, o objeto totalmente inserido no ambiente íntimo, ele compõe diz Moles, o que Lefebvre chamou de *universo da vida cotidiana* – aquilo que "permanece quando se abs-

trai ou extrai do vivido todas as atividades especializadas e determinadas, no sentido social do termo" (1981, p. 11). Se seguirmos as pistas dos dois autores, seus próprios trabalhos, pode-se dizer que exploramos um eixo que vai do sujeito ao encontro do objeto, para usar a clássica distinção. Eles são explorados como produção humana, econômica, social, cultural. São tomados como passíveis de serem produzidos, consumidos, possuídos, simbolizados, personalizados, cotidianizados, etc. Mesmo quando se prolongam como ato humano. Há, em cada um deles, a formulação de uma pergunta básica: O que são os objetos? O que significam? Isso não é pouca coisa. Mas nosso interesse está na formulação de uma terceira possível pergunta.

No belíssimo livro *Espinosa. Filosofia Prática*, de Gilles Deleuze, encontro o caminho para a outra pergunta. Deleuze diz que Espinosa – no século XVII – operou uma lógica materialista de radical desvalorização da consciência. Ele propôs pensar tendo o corpo como modelo. Dizia que enquanto se falava (e só se falava) sobre a consciência e seus decretos, a vontade e seus efeitos, os mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões, continuava-se na total ignorância do corpo. "Não sabemos o que pode o corpo", disse Espinosa (DELEUZE, 2002, p. 23). O corpo até então tomado como objeto a ser submetido ao espírito (e continuou sendo, mesmo depois de Espinosa) é, ao contrário, concebido aqui num regime de total autonomia do espírito. A pergunta do que significa tomar o corpo como modelo, Deleuze responde que é mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos assim como o pensamento ultrapassa toda consciência que dele podemos ter. Isso significa que jamais saberemos, confiando na consciência, o que ele é: corpo, pensamento ou objeto, no nosso caso. O caminho que se desenha é aquele de captar a potência do corpo para além das condições dadas do nosso conhecimento.

Então, pergunto: O que pode um objeto?

Podemos distinguir ao menos duas situações gerais em que o objeto pode ser considerado. Primeiramente quando

tomado isoladamente. Algumas categorias deles, as obras de arte, por exemplo, podem muito sozinhas. Esses objetos se constituem, eles próprios, como seres de sensação, como compostos de perceptos e afectos.

As sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios (...). (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 216)

É aqui que se escapa de uma exploração no campo da representação, do objeto signo ou souvenir, para encontrá-lo no exercício de sua potência: um objeto pode afetar um corpo.

A segunda situação, a mais comum, é aquela quando o tomamos num determinado conjunto, num encontro com outros elementos. Espinosa também pode vir em nosso auxílio aqui para falar dos bons e dos maus encontros. Mas, é possível afirmar sem hesitação, que o que pode o objeto aqui é *co-operar* na produção de territórios, lembrando também que pode funcionar no sentido oposto, da produção de linhas de desterritorialização. Estranhamentos, seduções inusitadas, convites para experimentar devires (o que dizer de alguns objetos ditos "eróticos"?).

Seria preciso explorar essas duas situações. Sondar as potências de diversas naturezas de objetos, indagar o funcionamento de suas combinações, o que

produzem no âmbito dos compostos ou isoladamente. Pensá-los como sugeriu Guattari ao falar dos espaços, ou seja, tomando-os como

(...) máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas (...) que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva. (GUATTARI, 1994, p. 158)

Para concluir, narro uma cena que vi, em certo dia de sol pleno, num bairro de São Paulo. Havia me dado conta, há algum tempo, de que a rua em que eu morava tinha novos moradores, provavelmente expulsos do centro num daqueles afãs administrativos de "devolver" o espaço público ao povo da cidade. Saindo para comprar pão, a duas quadras de meu edifício, encontrei um casal de moradores de rua arrumando a casa, onde dispunham até de um sofá. Puido, certamente. Ele varria a calçada larga em que se haviam instalado e ela ajeitava, num caixote de madeira feito estante, um sem-número de objetos: latas amassadas, panelas sem cabo, colheres e garfos retorcidos, latas de óleo etc. Chamou-me a atenção um bibelô, que não me lembro exatamente se era louça ou plástico, um bichinho ou uma boneca. Lembro-me de sua gritante cor rosa. e de como esse bibelô enchia de graça a desolada aridez daquele espaço.

[72]

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. *O sistema dos objetos*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa. Filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1994.

MOLES, Abraham A. *Teoria dos objetos*. Trad. Luiza Lobro. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

PROUST, Marcel. *À sombra das raparigas em flor*. Trad. Mario Quintana, 13ª ed. São Paulo: Globo, 1996.